

08

O ensino da arte para a educação inclusiva na Revista Educação, Artes e Inclusão entre os anos 2010 e 2020: um estado do conhecimento

Berenice Queiroz da Costa
Universidade do Estado de Santa Catarina
berenicestaster@gmail.com | [LATTES](#)

Maria Laura Pozzobon Spengler
Universidade do Estado de Santa Catarina
mlp.spengler@udesc.br | [LATTES](#)

Recebido em: 08/06/2022
Aprovado em: 18/03/2023

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431781820231e0044>

 Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*

O ensino da arte para a educação inclusiva na Revista Educação, Artes e Inclusão entre os anos 2010 e 2020: um estado do conhecimento

O presente trabalho analisa 13 artigos científicos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão entre os anos 2010 e 2020, contemplando as interdisciplinaridades nos espaços escolares e não escolares, as pluralidades no ensino das Artes Visuais e formação de professores para os processos da educação inclusiva. Para tanto, foram traçados os seguintes objetivos específicos: compreender aspectos teóricos sobre o ensino das artes visuais nos processos de inclusão; contextualizar a Revista Educação, Artes e Inclusão entre os anos 2010 e 2020, com uma afinada seleção para este estudo, e apurar referenciais que apontem a necessidade de competências na formação da prática docente. Esta pesquisa exploratória e qualitativa propõe intervenções artísticas e analíticas, constituídas a partir da leitura, reflexão e percepção de artigos aqui apresentados em síntese. Do mesmo modo, buscou refletir sobre quais habilidades formativas à docência se apresentam diante desse processo, compreendendo que os equipamentos necessários para sua atuação devem se constituir em direção à uma ampliação de repertórios a serem oferecidos aos seus educandos, com o propósito de aproximação entre as heterogeneidades dos sujeitos existentes nesses espaços.

Palavras-chave: Educação; Artes Visuais; Inclusão; Interdisciplinaridade; Docência.

The teaching of art for inclusive education in the Educação, Artes e Inclusão journal between 2010 and 2020: a state of knowledge

The present work analyzes thirteen scientific articles, published in the journal Educação, Artes e Inclusão (Education, Arts and Inclusion, in english) between the years 2010 and 2020, contemplating the interdisciplinarity in school and non-school spaces, the pluralities in the teaching of Visual Arts and teacher training, for the processes of inclusive education. Therefore, the following specific objectives were outlined: Understanding of theoretical aspects of the teaching of visual arts in inclusion processes; contextualize the Educação, Artes e Inclusão journal between the years 2010 and 2020, with a fine selection for this study and refine references that point to the skills needed in the teaching practice. The exploratory and qualitative research proposed artistic and analytical interventions, constituted from the reading, reflection and perception of articles presented here briefly. Likewise, it sought to reflect on what training skills of teaching is presented in this process, therefore understanding that the equipment necessary for its performance is constituted of an expansion of repertoires, to be offered to its students, with the purpose of bringing the heterogeneities of the subjects existing in these spaces.

Keywords: Education; Visual Arts; Inclusion; Interdisciplinarity; Teaching.

1. Introdução

O presente trabalho discorre sobre questões que regem a inclusão no processo do ensino e aprendizagem e do fazer e acolher artístico relacionados às Artes Visuais. Para tanto, propôs-se a analisar artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), entre os anos de 2010 e 2020. Para a presente pesquisa, foi efetuada a investigação de 13 (treze) artigos, utilizando como critério de escolha a temática sobre o ensino da Arte no processo da Educação Inclusiva nos espaços das instituições escolares e não escolares, atentando para a qualidade de formação dos profissionais que atuam na área. Assim, a análise aqui apresentada contempla uma pesquisa do Estado de Conhecimento.

A fim de fundamentar a questão no que se refere à observação, reflexão e avaliação de educadores(as), questiona-se com que formação artística e estética estes últimos optam nesses processos e com que legitimidade as conferem aos seus educandos(as). Os espaços escolares e não escolares se apresentam cada vez mais heterogêneos, comunicando uma diversidade vigente nos sujeitos que neles circulam. Posto isso, entende-se que esses sujeitos apresentam singularidades que precisam ser investigadas.

Está o(a) educador(a) qualificado para compreender e refletir sobre as demandas de manifestações artísticas, pertinentes a sua prática e motivado a propor uma ampliação de repertórios oferecidos pela diversidade existente na arte, no sentido de promover o processo de inclusão de seus educandos? Nesse recorte, percebe-se que medidas inclusivas poderão buscar uma equidade entre os sujeitos, ou ao menos caminhar numa projeção mais equilibrada, mais democrática e menos desigual.

2. A importante tarefa do docente de não se fazer indiferente às contribuições artísticas

Visando conferir a formação docente e com que qualidade esses profissionais se apresentam diante de processos artísticos das Artes Visuais, suscita-se o grande historiador de Artes, Ernest Gombrich (2008), que ao iniciar a escrita de seu livro *A História da Arte*, revela que:

Todos gostamos do belo exibido pela natureza e somos gratos aos artistas que o preservam em suas obras. [...] Mas essa propensão para admirar o tema bonito e atraente é suscetível de converter-se num obstáculo, se nos levar a rejeitar obras que representam um tema menos sedutor (GOMBRICH, 2008, p. 19).

O gosto pode levar à edificação de uma barreira, que antecede a visão e compromete a avaliação. “Só posso ver na obra o que encontra eco em mim”. (WEFFORT, 1997, p. 28). Um eco que precisa reverberar na sensibilidade do olhar docente, formado pelas relações de encontro entre o educador e o educando para, só assim, vir a concluir etapas de ordem avaliativa. Essa responsabilidade e coerência, no momento avaliativo, retomam ao início da prática, como assegura Weffort:

A avaliação faz parte do processo desde o primeiro olhar, que envolve tanto o gosto pessoal e histórico como juízo único e universal. O gosto é escolha individual, reflexo da sua história de vida, de sua cultura, de seu sistema de valores. O juízo é outro aspecto da leitura e da crítica de arte e exprime de modo único e universal, aceito por todos, o valor imutável da obra (WEFFORT, 1997, p. 33).

O gosto ao qual a autora se refere diz respeito à observação de cada indivíduo sobre o sujeito que está sendo observado, tendo do observador um olhar único e subjetivo, formado por seu contexto histórico e social. Sendo assim, o juízo é a cautela da observância, isto é, a reflexão sobre o que registra, trazendo o que há de mais genuíno de um olhar atento e cuidadoso, a considerar a legitimidade do olhar como valor imutável.

Arte, nesse sentido, pode ser compreendida no processo de formação e prática de professores como recurso interdisciplinar, aproximando ideias, criando hipóteses e tornando-a como uma extensão de conhecimentos. Ela favorece a troca de saberes entre os que circulam nas diversas instituições, mas, para isso, é necessário entender a importância da coletividade para este fim. Sobre isso, Rocha e Fonseca da Silva (2015) comentam:

A arte é, em suma, de natureza interdisciplinar por se efetivar na articulação de competências e habilidades nos diversos campos do saber, fornecendo dessa forma, um conhecimento mais aprofundado aos alunos. A interdisciplinaridade pode ser vivenciada de diversas maneiras, mas, para que os alunos aprendam um determinado assunto por esse viés, é necessário que professores de diferentes áreas construam um projeto integrado a fim de que, com seus conhecimentos específicos, contribuam para o aprendizado mais globalizante sobre um determinado assunto, bem como possam enriquecer as produções dos alunos em vista das relações quando conseguem perceber que o saber sobre um objeto de estudo ultrapassa a especificidade da disciplina (ROCHA; FONSECA, 2015, p. 131).

As autoras também se referem à escola como um espaço que auxilia a inclusão de seus educandos vindos de realidades e vivências distintas, os quais encontram recursos para as suas relações com o outro, com a cultura e com o mundo através da arte. São nesses espaços, também, que se promovem ações que possibilitam a acessibilidade de pessoas com deficiência, podendo estas últimas usufruírem os saberes constituídos e expostos em coletividade. Assim, observa-se a edificação de uma trajetória rumo ao distanciamento das desigualdades, bem como uma aproximação da equidade social, compreendendo que, para Rodrigues (2013), “a equidade e a inclusão são, pois, áreas educativas prioritárias para o sucesso dos sistemas educativos, para a promoção da justiça social e para a criação de sociedades mais desenvolvidas, solidárias e sustentáveis” (p. 23).

Na aquisição de conceitos teóricos que conferissem uma definição à inclusão, procede-se na pesquisa destacando que, segundo o Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2021), a inclusão, substantivo feminino, é:

Ato ou efeito de incluir(-se); introdução de uma coisa em outra, de um indivíduo em um grupo etc.; inserção. [...] Política educacional que consiste em incluir indivíduos com necessidades especiais em turmas consideradas regulares, fazendo-os participar de atividades não só educacionais, mas também comunitárias, esportivas e sociais. [...] Relação existente entre duas classes quando uma delas entra na extensão da outra. (MICHAELIS, 2021, n.p).

Se nos atentarmos um pouco mais sobre o significado da palavra inclusão conferido pelo Dicionário Michaelis (2021), tal termo diz respeito à introdução do sujeito em um grupo – ou quando uma classe se transpassa na outra. Todavia, a inclusão vai para além de seu significado. É, também, heterogeneidade. É como esse grupo irá se constituir para acolher esse sujeito. Tal termo, em seu significado, aponta uma assimilação coletiva do meio que o recebe, como também o acatamento às suas diferenças.

Dessa maneira, se compreende que, ao atingir essa extensão, prontamente se aceitará o seu acesso como um ato de outorga, dado que “a inclusão tem como palco contextos complexos e frequentemente adversos com os quais devem-se estar preparados para interagir” (RODRIGUES, 2006, p. 301). E, para tal, uma das importantes ações é a formação docente e continuada, a qual deve se fazer anterior à sua urgência, como apontam Glat e Pletsch (2013):

Ainda enfrentamos inúmeras barreiras para efetivar uma educação inclusiva, como despreparo dos professores para adequar o manejo de sala de aula à chegada de um aluno que apresente singularidade no processo educacional, a falta de acessibilidade física e curricular, turmas superlotadas, práticas avaliativas homogêneas e tantos outros problemas presentes no cotidiano da maioria das escolas brasileiras. [...] o pouco conhecimento dos docentes sobre como desenvolver propostas educacionais que atinjam as metas de aprendizagem de seus alunos, bem como sobre recursos e estratégias para serem utilizadas para tal, tem sido uma fragilidade constantemente observada em nossas investigações de campo (GLAT; PLETSCH, 2013, pp. 20-21).

Como aqui constatado, barreiras atitudinais são impostas no cotidiano dos sujeitos que carecem de estruturas arquitetônicas e humanas, que deem conta de suas especificidades quando apontam tanto nesses espaços quanto fora dele. Dada a importância dessas estruturas é que é possível pensar em uma formação de qualidade, capaz de atender a todos sem distinção, organizando mecanismos para contribuir com a sua aprendizagem.

Dispondo de um olhar cuidadoso e genuíno, percebe-se essa verdade daquele que observa o educando, e, assim, lhe assegurar as suas fragilidades e as suas inquietações. Nas vivências, nas trocas de saberes, no exercício das interdisciplinaridades – quando permitido pelo docente –, é que ocorre o amadurecimento da docência. A sua formação, com propriedade, constitui-se cotidianamente no acolhimento às diferenças, na reflexão sobre suas práticas, a fim de que esta apresente flexibilidade às individualidades de seus educandos, na morosidade enquanto avalia, na sua entrega, durante o exercício do ensino e aprendizagem e na sua disposição para promover competências que alcancem as privações e os impedimentos do outro.

Pode-se entender que a relevância da formação docente no processo de inclusão rumo à equidade se faz nos saberes entre educador e educando, em considerar os estranhamentos existentes, nas trocas e conexões, feito engrenagem que se afina com os conhecimentos oferecidos e adquiridos durante as práticas reflexivas em constante educação estética. A esse respeito, Salomé e Mendes (2020) afirmam:

Se a arte não pode, sozinha, humanizar, pode proporcionar o estranhamento e a dúvida, a fuga das convenções e da submissão automática às práticas sociais hegemônicas. Desta maneira abre-se a oportunidade de afirmação humana como ser social (SALOMÉ; MENDES, 2020, p. 375).

O estranhamento provocado pela arte só é percebido quando existe uma intimidade para se deixar tocar e, nesse sentido, é necessário que se deixe entregar para ser tocado por ela, pois as convenções pedem guarida na zona de conforto e tentam ludibriar o estranhamento que aponta para o que é singular e dispare. Por isso a possibilidade de a arte humanizar. Logo, cabe ao educador proporcionar atribuições que conduzam o sujeito ao que é sensível e perceptível, promovendo e habilitando a criatividade sobre o que lhe foi oferecido.

Percebido o que chama atenção para o modo de pensar diferenciado, verifica-se que a arte dialoga com outros espaços, abrangendo um universo de saberes e possibilidades. Um universo que necessita da experiência para compreensão sobre esse diálogo que, segundo Bondía (2002):

É o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (BONDÍA, 2002, p. 21).

Dado que toda experiência que nos toca se faz na sua originalidade, as percepções da docência configuram afetações surgidas da experiência, contribuindo tanto para o seu exercício quanto para o reconhecimento, em si, dos obstáculos ou das habilidades, das subjetividades ou objetividades vindas do outro, “a obra faz vir ao mundo o que originalmente escapa ao mundo, seu alicerce e seu fundo abissal. Ela traduz a violência que o mundo faz à terra” (HAAR, 2000, p. 87).

Aquilo que escapa do mundo e rompe da arte concede à educação uma coligação com esta última. Isso, pois, para compreender as tessituras que se formam nessa trama entre as subjetividades efetivas no sujeito, que trazem questões ocultas e deixam se revelar somente quando o educador se coloca visível e tocado pela experiência, potencializando essa ligação.

Nos últimos anos, cartografias educacionais se colocam dispostas para atender o que já estava declarado: a inclusão. Como instala Rodrigues (2006):

No âmbito específico da educação implica, antes de mais, rejeitar, por princípio, a exclusão (presencial ou acadêmica) de qualquer aluno da comunidade escolar. Para isso, a escola que pretende seguir uma política de educação inclusiva (EI) desenvolve políticas, culturas e práticas que valorizam a contribuição ativa de cada aluno para a formação de um conhecimento construído e partilhado – e, desta forma, atinge a qualidade acadêmica e sócio cultural sem discriminação (RODRIGUES, 2006, pp. 301-302).

Presente em todos os campos, a inclusão, coligada à diversidade, também requer um olhar atento nesse território de disputa, a exigir conhecimento e sensibilidade para atender as diferentes habilidades que se manifestam nos sujeitos inseridos nos espaços institucionais e fora dele.

Para tanto, o assunto em questão vem pensar a importância de profissionais com formação em Artes Visuais enquanto embalam o processo, na tentativa de cunhar as singularidades e diversidades existentes em cada sujeito.

As percepções assentadas por um docente não se tornam sensíveis a conhecimentos escassos, elas não surgem do nada, são sensibilizadas durante uma construção no seu processo de formação. Isso ocorre independente desta construção ser direcionada à educação comum ou inclusiva, na qual:

Deve ser o de desenvolver um educador pesquisador que tenha, primeiramente, uma atitude cotidiana de reflexividade da sua prática, que busque compreender os processos de aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos e que vá construindo autonomia na interpretação da realidade e dos saberes presentes no seu fazer pedagógico. (CAPELLINI; MENDES, 2007, p. 116).

Ao desenvolver múltiplas habilidades necessárias para cada sujeito e trazer diferentes práticas que auxiliam a interdisciplinaridade, a arte permite ao indivíduo fazer uso de suas atribuições, exercendo, sem propósito, o avanço à inclusão. Com isso, ela é capaz de transitar e interagir nos espaços, como nos revela Faria (2018):

A arte favorece além dos conhecimentos: a expressão e comunicação de sentimentos, emoções, ideias, interação com os outros e contato com a cultura, que representa um conjunto de códigos/símbolos, produções científicas e sociais produzidas pela humanidade (FARIA, 2018, pp. 6-7).

Tendo em vista estarem diante de uma realidade que solicita profissionais especializados nas instituições escolares, os quais devem estar aptos para atender a demanda desse sujeito que sempre esteve presente em todo contexto social, mas que antes contava com a educação para sua abonação. Segundo Slee (2013) “a educação inclusiva buscou promover os direitos de todos aqueles tornados vulneráveis ou excluídos por culturas e processos de educação” (p. 125).

No contexto deste estudo, aos docentes cabe acatar essas diversidades, provocando habilidades até então não reveladas, colocando-se como pesquisadores em busca de

formações continuadas. Devem procurar renovar seus conhecimentos, tornando-os mais participativos no processo da interdisciplinaridade e aumentando a capacidade de observação e percepção para o novo.

3. Sobre os artigos publicados, referente às contribuições da arte no processo de inclusão

A Revista Educação, Artes e Inclusão, segundo seu próprio *site*, foi criada em 2008 como parte do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores – LIFE. Com recorrente Política de Acesso Livre, atende ao recebimento de artigos, entrevistas e relatos de experiência, tendo como eixo principal as questões que conduzem a Educação, a Arte e a Inclusão. Sua publicação contínua desde 2021 e edição assegurada com pecúlios oferecidos pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC –, faz de sua periodicidade um atributo para sua plataforma, garantindo conteúdos de grande relevância sobre a temática para o público que a conecta.

Após a seleção de 13 (treze) artigos da referida revista, deu-se início a uma pesquisa que dialogasse com o tributo da arte no processo de inclusão, nos espaços escolares e não escolares, que abarcasse a formação docente e as concepções apresentadas pelos profissionais que circundam esses espaços. Estes dados são apresentados aqui a partir de uma descrição analítica.

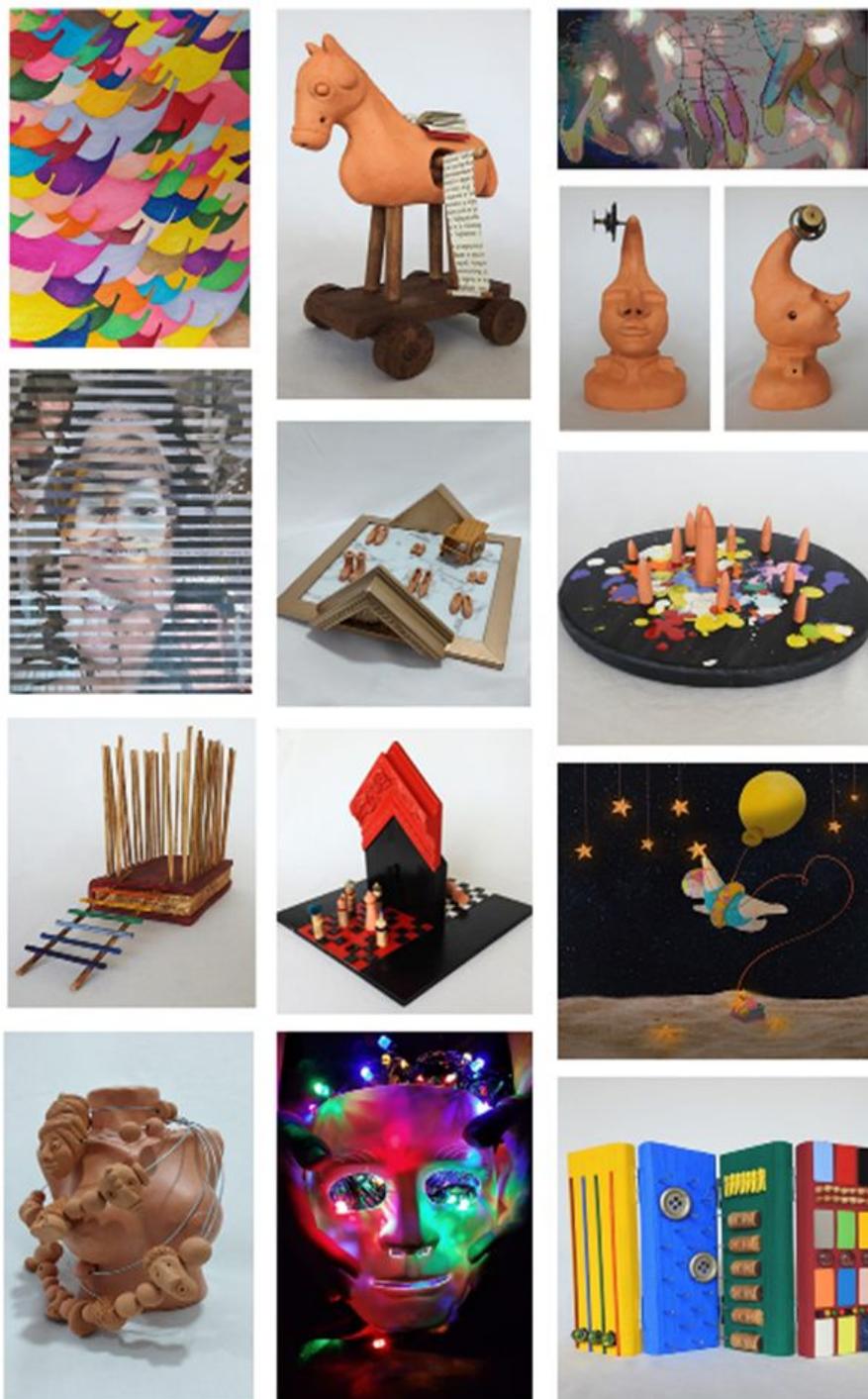
A despeito de ressaltar-se que a inclusão vai para além da educação especial, ela publica uma extensão de admissão na qual sujeitos em vulnerabilidade social e sujeitos com fragilidades psíquicas, aqui mencionadas, abrigam-se em seu regaço. Ao deparar-se com o conjunto de textos sobre a temática selecionada (Artes, Docência e Inclusão), observa-se que mesmo versando de forma geral sobre os mesmos assuntos, encontra-se a necessidade de estabelecer dois critérios para apresentá-los, sendo divididos nas seguintes categorias: **Artes, Formação e Ensino**, e **Artes e Processos Inclusivos**, percebendo necessidade de se assinalar um diagnóstico mais elucidado sobre cada uma delas.

Descritivamente, apresenta-se o título, o autor e o ano de cada artigo dessa categoria, seguida da análise de cada um dos trabalhos selecionados.

A apresentação dos artigos buscou dar ênfase também à produção artística da pesquisadora (Figura 1), que, instigada pela orientadora, propôs-se a desenvolver uma intervenção artística (também analítica) para cada um dos artigos analisados. Desta forma, os

papéis de artista e pesquisadora caminharam juntos na constituição do trabalho acadêmico aqui apresentados¹.

Figura 1- Produções artísticas a partir dos artigos analisados.



Fonte: Autoria própria (2021).

¹ As intervenções apresentadas a seguir também estão disponíveis e nomeadas aos seus artigos em: <https://flic.kr/s/aHsmVr&JSp>.

3.1 artes, Formação e Ensino

Tendo em vista a relevância do assunto sobre o que rege a arte em favor da docência no processo de inclusão, percebe-se a importância da formação continuada; o acolhimento das reflexões e dos registros sobre o educando e a sua prática; o amadurecimento do olhar sobre a invisibilidade existente no sujeito; a apropriação das diferentes possibilidades oferecidas pela arte; as contribuições dos recursos tecnológicos nos avanços entre a educação, a arte e a inclusão; a legitimidade da ação docente sobre a avaliação como acolhimento; a arte como facilitadora dos atravessamentos do cotidiano e as proximidades entre educador e educando sobre as questões ocultas, expostas durante as manifestações artísticas que envolvem as práticas.

O artigo *A Concepção dos Pedagogos Quanto a Importância e a Função do Desenho Infantil nos Centros de Educação Infantil* (2010), das autoras Cleide Gissela da Silva, Márcia Diva Speorin e Márcia Moreno, descreve uma pesquisa realizada com crianças de dois a cinco anos, tendo como propósito compreender com que habilidades, práticas e teóricas, os(as) docentes vinham mediando o processo de formação da criança, manifestado através do desenho infantil. Para que se compreenda a função do desenho infantil em suas instituições, é necessário que haja o comprometimento da docência sobre a mediação e o amadurecimento do olhar sobre as suas reflexões, afirmam as autoras, levando em consideração o conhecimento entre a teoria e a prática. Para que haja apreciações sobre as manifestações artísticas apresentadas é necessário que se retorne à veracidade dos registros sobre as práticas.

A autora Ana Maria de Oliveira Alvarenga, no artigo com o título *Formação Inicial e Continuada de Professores no Âmbito do Ensino da Arte – Inclusão Digital e Inovações Pedagógicas* (2012) traz, em sua pesquisa, uma inquietação no uso das novas tecnologias. Baseado em um estudo realizado entre o ano de 2000 a 2010, ela apresenta o Núcleo de Arte Copacabana (Nacopa – Unidade de Extensão Educacional / SME / Rio de Janeiro) como eixo norteador para sua pesquisa, trazendo as habilidades de um grupo que já se ocupava sobre as questões que apontavam a docência na contemporaneidade, exigindo desta uma adequação.

Com base no que foi narrado pela autora, é possível concluir que a formação continuada teve um grande avanço com a implantação de novos conhecimentos tecnológicos, o que veio a colaborar com novas práticas e diversidades na elaboração e agilidade de novos projetos. Todavia, ainda caminha necessitando de ferramentas que possam abranger, de forma mais integrada e ágil, os campos insaciáveis da educação. O artigo exposto vem expressar a chegada dos novos recursos tecnológicos na área da educação, como computadores e *tablets*, ampliando as trocas de saberes entre os educadores que, seguidamente, vieram a ofertar aos seus educandos uma seleção das inúmeras

pluralidades oferecidas pela arte e a tecnologia, podendo avançar ainda mais em práticas interdisciplinares. Isso, pois, facilita o processo do ensino e aprendizagem, beneficiando a todos (ALVARENGA, 2012).

O autor Laudo Rodrigues Sobrinho, em seu artigo *Samwaad – Rua do Encontro: mediação semiótica com alunos do 3º ano do ensino médio na aula de arte* (2014), discute a respeito dos significados para os adolescentes de uma Escola Estadual no estado de São Paulo, tendo como enfoque um espetáculo de dança chamado *Samwaad – Rua do Encontro*. O autor busca compreender como se dá o entendimento através da interação desse espetáculo sobre os sujeitos e seus conhecimentos culturais. A arte, segundo Sobrinho (2014), autoriza diferentes diálogos que possibilitam aproximações, deixando o sujeito livre para pronunciar ou encobrir seus enunciados íntimos.

Para o autor, a arte e a educação perpassam os sujeitos que se deixam constituir por ela, assinalando uma relação entre as mesmas e a relação cultural e social, entendendo que o sujeito se constitui a partir desta relação. A mediação semiótica aqui apresentada pelo autor traz em sua significância uma aproximação de percepções surgidas de diferentes repertórios e protagonismos vigentes. Estes, pois, se modificam a partir das ações, colocadas dispostas a mudar os cenários construídos pelas desigualdades e pela falta de comprometimento com o outro (SOBRINHO, 2014).

O artigo *Cienciarte ou Ciência e Arte? Refletindo sobre uma conexão essencial*, dos autores Anunciata Cristina Marins Braz Sawada, Tania Cremonini De Araújo-Jorge e Francisco Romão Ferreira (2017), traz a ideia de que a ciência e a arte colaboram substancialmente para um crescimento social. Perceber a relevância dessas duas dimensões traz subsídios para pesquisa, bem como para o campo da educação e das diversidades que a mesma hospeda.

Mas, ao se aprofundarem no tema, os(as) autores(as) pensam em Ciência e Arte no Brasil e no exterior, e deparam-se com a triste realidade da falta de investimentos em nosso país voltada para este campo – como o incentivo à formação de novos cientistas e artistas – que possam fomentar o campo interdisciplinar e, com isso, ampliar conhecimentos que venham a contribuir com a formação de profissionais com um olhar mais sensível e crítico diante das adversidades, a exemplo do “déficit educacional” citado pelas autoras, em oposição à uma situação que se mostra mais otimista no exterior.

Posto isso, finda-se a análise desse trabalho citado percebendo a necessidade da inquietude e da crítica levada pela docência aos futuros educandos, e que esta descortine a *Cienciarte* como uma grande possibilidade de aprendizado a ser adquirido em atravessamentos

de diferentes áreas do conhecimento e da arte. *Cienciarte*, portanto, inscreve-se como grande facilitadora deste atravessamento, elevando o conhecimento e a crítica.

As autoras *Josélia Schwanka Salomé e Maria Cristina Mendes*, no artigo *A Percepção do Sensível e o Ensino da Arte na Contemporaneidade* (2020), denotam a preocupação sobre a redução das práticas pedagógicas na atualidade, sobretudo com relação ao exercício do fazer sensível, contribuindo para constituição do sujeito.

Assim, a essência do sensível – quer seja a capacidade de compreender, nos atravessamentos da arte, as singularidades do indivíduo e seus contextos – sustenta uma formação consistente considerando as questões socioculturais, tidas como fomento para humanidade. Entretanto, é imprescindível que se compreenda a importância do olhar sensível, empático e inclusivo no processo de ensino e aprendizagem em que o docente se apresenta, para, só assim, acolher as demandas existentes no cotidiano escolar, propiciando aos seus educandos uma nova visão de mundo.

3.2 artes e Processos inclusivos

Atentando para o assunto da Arte e Processos Inclusivos, constata-se que o mesmo se debruça em infinitas ações de como promover estruturas para construção de identidades; proporcionar a reverberação do olhar e do olhar-se no sentido de refletir sobre a sua prática; estimular o exercício da coletividade; motivar a relação com as experiências vivenciadas, promovendo ações inclusivas nos espaços escolares e não escolares; fortalecer vínculos entre os sujeitos e suas histórias; desenvolver o cuidado com as materialidades oferecidas (ambiente, situações, obras e materiais, tarefas, entre outras) permitindo a oferta para escolher ou ser escolhida; propiciar o respeito às habilidades do outro; considerar os estranhamentos existentes nesses espaços; fomentar o diálogo entre os sujeitos, as instituições e suas culturas; auscultar a heterogeneidade, tendo a arte como mediadora.

O artigo *Masc/Nae: Mutações, Parcerias e Inclusão* (2011), da autora Maria Helena Rosa Barbosa, buscou destacar uma breve história do Museu de Santa Catarina (MASC) localizado na cidade de Florianópolis, com foco para suas ações educativas e sociais.

Após a década de 1940, assim como o MAM de São Paulo e do Rio de Janeiro, foi criado o terceiro Museu de Arte Moderna no Brasil, o Masc, denominado inicialmente como Mamf-Museu de Arte Moderna de Florianópolis, em 1949. Teve como responsáveis por esse feito inúmeros artistas, intelectuais e escritores, a exemplo do carioca Marques Rebelo, que trouxe a primeira exposição para a capital, dando início ao patrimônio do museu.

Cumprindo uma função quase itinerante pelo descaso do poder público, o Masc deslocou-se por diversas vezes para se alojar, tendo seu acervo recolhido enquanto transitava de um lado para o outro. Deste modo, finaliza-se com a apreensão de que as ações educativas, projetos e mediações diferenciadas – como exposições e palestras realizados por estagiários, professores, artistas, arte-educadores, servidores e curadoras – para serem realizadas com esse porte, faz-se necessária uma intervenção coletiva, a fim de tornar possível a sua realização. Vale ressaltar que seu segmento se deu por conta de doações feitas por diversos artistas e acervos públicos. Não diferente das ações que deram um novo lugar ao museu, foi também o novo olhar para as questões sociais e a acessibilidade para o público com deficiência que hoje circula nesses espaços. São iniciativas de ações como essas que modificam o modo de pensar de uma sociedade, fortalecendo os mecanismos para que barreiras atitudinais sejam rompidas por essas intervenções, tornando esses espaços mais democráticos.

A respeito do artigo *Imagens de Si: O Autorretrato como Prática de Construção da Identidade* (2015), os(as) autores(as) Maria Roselene Rauen e Bruno Daniel Momoli revelam questionamentos sobre a identidade do sujeito, dividindo o texto em capítulos que apontam o autorretrato e as observações promovidas através do olhar sensível no ensino de Artes Visuais, como recurso na construção de identidade. Em seguida, os autores(as) apresentam conceitos e definições de retrato e autorretrato durante a história e as suas diversas faces, trazendo Rembrandt. Por fim, encerram com autorretratos produzidos em oficinas realizadas, tendo o relato dos participantes sobre a experiência de se autorretratar.

Deste modo, pode-se concluir que a pesquisa trouxe para os pesquisadores a oportunidade de compreensão dos conteúdos apresentados, bem como a apreciação sobre as obras de Rembrandt, uma análise ainda mais apurada sobre os processos artísticos durante as oficinas. O autorretrato está para além dos traços que representam a imagem fidedigna do indivíduo. Ou seja, o seu exercício apura, de maneira remota, a construção de sua identidade, edificada durante a sua trajetória.

As autoras Stéfani Rafaela Pintos da Rocha e Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, apontam em seu artigo *Pibid Interdisciplinar: Um Olhar Sobre as Contribuições da Arte para a Construção de Objetos Pedagógicos para pessoas com Deficiências* (2015), a interdisciplinaridade como possibilidade sobre as questões inclusivas diante das pluralidades oferecidas pelas Artes Visuais, tendo em vista que a mesma pode auxiliar nos métodos de ensino.

Assim, elas aprimoraram um saber coletivo do subprojeto *Pibid – Educação Inclusiva na Escola: uma ação interdisciplinar da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc*, constituído por

professores(as), pós-graduandos(as) e graduandos(as), realizado em três escolas da cidade de Florianópolis-SC. Tal projeto foi acordado com o atendimento Educacional Especializado (AEE), que considera esse coletivo, além das famílias, para colocar em prática suas ocorrências, as quais devem ser principiadas na formação a fim de que sejam constituídas como cultura (ROCHA; FONSECA, 2015).

Dadas as indagações que cercam esta pesquisa, arremata-se o relato, compreendendo que os jogos desenvolvidos durante o subprojeto trataram a interdisciplinaridade tal qual a importância desses primeiros, isto é, como recurso de aprendizagem junto às habilidades inclusivas e à coletividade efetiva de todo o contexto escolar. Ainda sobre esse estudo, assinala-se a relevância das materialidades entre ser escolhida e dar-se a escolha, bem como sobre as singularidades que exibem. Entendido o envolvimento necessário durante a formação dos graduandos, constata-se que práticas inclusivas vividas no seu cotidiano elegem a interdisciplinaridade como uma grande aliada na formação de seus educandos.

O artigo *Arte, Loucura e Ensino: Por uma Arte-Educação Inclusiva* (2016), dos autores *Carlos Carvalho Macêdo e Janine Alessandra Perini*, apresenta reflexões e questionamentos sobre as diversidades e singularidades que circundam a arte, pensando tanto o potencial artístico de pessoas com deficiência intelectual quanto qual estética apresentam suas produções. Assim, eles têm como referência as contribuições de estudos feitos pela médica psiquiatra *Nise da Silveira* – que se debruçou sobre o tema em questão e se dedicou a fazer um trabalho fora desse contexto, exibindo a realidade sobre as obras dos pacientes internados em um hospital psiquiátrico e afirmando que estes revelam, através da arte, uma harmonia existente no seu interior.

Sendo assim, pode-se concluir que a arte, constituída histórica, social e culturalmente – membro cúmplice do contexto escolar – necessita ser permitida em seu coletivo e aprofundada pela docência, juntamente com todo corpo escolar. Isso, portanto, para que indivíduos, postos à exclusão, sejam compreendidos em suas particularidades, tendo em vista que o seu ofício ostenta, em sua diversidade, um arsenal de possibilidades. A arte oferece um jogo para o mundo daquele que somente dela dispõe organizar o seu tabuleiro, trazendo para o seu universo uma possibilidade de dar conta de dizer, através dela, o que dela se manifesta. A possibilidade de inclusão na existência humana.

A Relação da Arte com os Adolescentes em Conflito com a Lei: uma pesquisa-ação no município de Cascavel – PR (2018), artigo publicado pelos autores *Higor Antonio da Cunha, Rejane Ruaro e Tânia Cristina Kaminski Alves Assini*, move indagações sobre como a arte pode promover a sociabilização dos indivíduos investigados. Antes de pensar o que cabe à arte, os autores tentam compreender o que se relaciona à adolescência, e só depois o que realmente se torna eficaz nesse processo. Entendida como uma fase de conflito e mudanças

consideráveis, a adolescência vive esse processo dentro de seu contexto social, o que pode revelar-se positiva ou negativamente ao meio em que está posta.

Após as oficinas oferecidas pelos autores, foi disponibilizada uma análise de imagens sobre o assunto com o objetivo de que os envolvidos no processo deixassem que percepções surgidas de expressões artísticas aflorassem durante a prática dos adolescentes, enquanto os questionários sobre possíveis perspectivas de futuro refletiam sobre o que ensinavam. Segundo os autores, houve uma busca por um diálogo entre pesquisa, ação e resultado. Com isso, concluíram que as oficinas trouxeram resultados bem significativos aos adolescentes. Ainda que não demonstrassem interesse em falar sobre o futuro e sobre o projeto, a oficina despertou entusiasmo durante a execução do processo artístico, tendo sido percebido um olhar mais atento sobre si mesmo, uma grande resposta para projetos estatais – como os projetos da Educação, Assistência Social como CRAS, os projetos da área da Saúde e outros –, visando inserir as artes como fomento para a formação de sujeitos críticos, sensíveis e reflexivos, como o coletivo em si, a julgar pelo seu arranjo para amparar sujeitos díspares de seus contextos sociais.

Os autores *Pedro Paulo Souza Rios; Alfrancio Ferreira Dias e Andre Ricardo Lucas Vieira, em seu artigo Ensino de Artes, Relações de Gênero, Sexualidade e Diversidade Sexual: Narrativas de Estudantes Gays* (2019), apontam para um estudo no qual buscaram analisar as convergências entre as Artes Visuais e como se comportam diante das conexões de questões advindas das diversidades. A reflexão sobre esse coletivo evoca, conseqüentemente, uma reflexão sobre os sujeitos, os espaços, as contradições entre si e a forma como esse diálogo pode ser composto.

Segundo os autores, se o currículo adotasse a teoria *queer* para ser ensinada nas escolas, o acolhimento dessas questões *teria como consequência a compreensão sobre as diversidades dos sujeitos e, como decorrência disso, uma maior diversidade no ensino das artes*. Diante das narrativas, é possível compreender que os estudantes gays não encontram nos espaços escolares um resguardo de suas identidades e, acossados neste contexto, guardam silenciosas angústias confessadas em suas expressões, através da qual se aprazem, consumando a arte como uma emancipação do seu ser. *Disto, conclui-se que a arte é uma válvula propulsora no que é relativo ao acolhimento e às pluralidades existentes no ambiente escolar, fortalecendo diálogos entre os sujeitos e as suas histórias e respeitando as suas diferenças no fomento à inclusão* (RIOS et al., 2019).

O artigo *Artes Visuais, Diversidade e Inclusão: A Poética Expressiva de Adultos com Deficiência Visual* (2019), das autoras Ana Luiza Ruschel Nunes e Ester Teixeira Okita, denota uma análise sobre as possibilidades de se combinar questões relacionadas à inclusão na formação em Artes Visuais, mais especificamente sobre os tópicos que fundam a deficiência visual. A experiência registrada pelas

pesquisadoras revela as diversidades do ensino e aprendizagem entre as diversidades de ser cego em um mundo organizado ao redor da visibilidade.

Como refere o texto, ao revelarem-se ofuscadas pela não vivência nos processos artísticos de pessoas com deficiência visual, as autoras requeriam ser acolhidas num mundo totalmente novo, tendo em conta que essa “visibilidade” não lhes era comum. Desta forma, compreendem que o momento vivido entre professores de Artes Visuais e educandos do APADEVI produziu positivamente um aprendizado no convívio de ambos. As práticas pedagógicas – como acolhimento, socialização, interdisciplinaridade – oportunizam um melhor entendimento sobre o vivido, trazendo reflexões sobre o fazer artístico e a sua plasticidade para avançar sobre as diversidades humanas. O fazer sensível de um olhar mais acolhedor e menos desigual entre os educadores e os educandos sobre o respeito às habilidades do outro, é o que tornou possível as conexões entre o visível e aquilo que não é visível, perceptível aos olhos daquele que não vê.

A autora Teodora de Araújo Alves, em seu artigo intitulado *Aprendizes de Si: Percursos para Sentir/Pensar as Artes e as Culturas Silenciadas* (2020), aponta demandas desafiadoras sobre tal tema. Tendo trabalhado por duas décadas com processos artísticos, culturais e educacionais em fase de formação acadêmica, a autora se atenta à educação colonizadora e eliminatória nesses espaços e fora deles, mas amplia o seu olhar para além do que se apresenta nos ambientes educacionais, desvelando os sujeitos e suas especificidades diante de si mesmos, atraindo percepções e sensibilidades ao longo da sua docência.

A autora ainda vê os espaços institucionais plausíveis de atuação à descolonização, se assim houver uma leitura menos excludente de todos que ocupam o corpo acadêmico. Ela continua sua percepção, agora nas palavras de Paulo Freire, a respeito das culturas silenciadas, da sua primeira viagem a África, quando atenta para o que vê, acolhendo das terras africanas chamamentos que reverberam até se fazerem descobertos. Narrativas vindas de muito longe, por autores que buscavam ornar o texto, dialogam com as reflexões. Mas é preciso que se desnudam aqui, livrando os corpos de suas obediências para que, desatarefados de suas colonizações, adquiram as vozes nunca proferidas ou findadas. Sobre a análise deste assunto, entende-se que os corpos que se apresentam nesse palco desigual, resistindo às práticas discriminatórias, trazem consigo copiosos ajuntamentos de suas raízes, colocando em cena no seu cotidiano as pertencas de suas africanidades como identidade singular e plural, visto que essas raízes entretecem o mundo ao mesmo tempo que colaboram com um diálogo cultural e globalizado.

Sobre as imagens, o corpo inaugura o espaço, a roda e as brincadeiras, explorando formas e gestos das danças que exibem suas músicas, festas, culturas, religiosidade e cores.

Mas o corpo é também um coletivo que provoca sons e vibra junto da sua cultura exposta, cunhada de maneira singular por aquele que vê. As cores, as formas e as materialidades se revelam nas máscaras, esculturas, artefatos e adornos, nas danças e instrumentos que evidenciam uma comunicação ímpar de suas culturas, silenciada por atores que não comungam com o contexto, afirmando uma educação eurocêntrica e colonial. A arte não só oportuniza essa conexão com o tema proposto, como conduz para novas percepções e olhares sensíveis sobre as questões que aferem as desigualdades existentes na trama social, fortalecendo este enfrentamento.

4. Questões observadas ao longo das leituras e reflexões sobre os artigos

Com relação aos artigos apresentados, percebe-se a presença de 16 autoras e oito autores legitimando um quadro em que a figura feminina marca a sua territorialidade, já trazida da sua forte presença na docência. Mas não menos importante é a figura masculina, que não se acanha em se deixar incluir nesse contexto que não só fala sobre, mas compartilha dessa mesma apropriação da sensibilidade. Ainda sobre os(as) autores(as), cabe sublinhar que, vindos de diferentes itinerários, consideraram em suas pesquisas conteúdos significativos e recorrentes para atender aos contrastes sociais e culturais que se apresentam.

O grande avanço dos recursos tecnológicos oferecidos aos profissionais da área das Artes Visuais e da educação, contribui com a inclusão dos coletivos escolares e não escolares, embora a educação ainda viva um desassossego diante das desigualdades existentes. Isso se explica, em parte, porque a arte não se intimida em coadjuvar. Ao analisar as instituições de atuação dos(as) autores(as), observa-se que as pesquisas relacionadas aos artigos apresentados partem, na sua maioria, de estudos feitos dentro de contextos da região em que atuavam academicamente e que traça a área litoral do país, organicamente dispostos um após o outro.

Dando continuidade à trama que declara o tema dessa pesquisa, cultiva-se o entendimento sobre alguns dos autores(as), evidenciados presentemente e empregue na feitura dos 13 (treze) artigos apresentados, concebendo assim que esses alcançam as três dimensões que envolvem esse estudo e se organizam com uma narrativa reflexiva e cuidadosa sobre seus escritos.

5. Para não findar as descobertas

Não nos privamos de dizer que durante esse processo retornamos muitas vezes às nossas experiências profissionais e acadêmicas, podendo, refletidamente, rever cada uma delas. E a inclusão, que já estava lá, destacava-se dentre as demais.

Versado sobre o objetivo geral da pesquisa aqui apresentada, apresentamos o questionamento norteador à seguinte pergunta: está o educador qualificado para compreender e refletir sobre as demandas de manifestações artísticas, pertinentes à sua prática e motivado a propor uma ampliação de repertórios oferecidos pela diversidade existente na arte, no sentido de promover o processo de inclusão de seus educandos?

Ao reunir todos os registros, nos debruçamos sobre este tema tendo como objetivo analisar os artigos publicados sobre as questões que regem a inclusão, em especial com relação ao processo do ensino e aprendizagem, do fazer e acolher artístico relacionados às Artes Visuais, que foram sublimados na revista vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, entre o ano de 2010 e 2020.

Exploratória e bibliográfica, a pesquisa prosseguiu sobre a análise de 13 artigos, em que todos trouxeram em seus conteúdos a arte como facilitadora no processo de inclusão. Ao verificarmos os diferentes cenários, percebemos que ela também se instala em tessituras cartográficas distintas, além de elevar o seu feito, elegendo a multiplicidade da proposta.

Todavia, percebemos a existência de uma lacuna no ensino das artes nas instituições escolares e não escolares no que se refere ao acolhimento das singularidades dos sujeitos e aos seus contextos históricos e sociais, tendo em vista o desconhecimento, despreparo e a falta de receptividade para se traçar um investimento mais amplo no que diz respeito à interdisciplinaridade. Além do mais, o tripé que constitui essa pesquisa aponta para o fato de que a formação docente deve se colocar como propulsora para o estreitamento dessa lacuna, cumprindo a tenacidade necessária para o enlace entre a educação, a arte e a inclusão. É preciso, também, levar em conta que a arte necessita do acontecimento em concordância com o outro, o espaço em que ele se encontra e com quem a declara.

Referências

- ALVARENGA, Ana Maria de Oliveira. Formação Inicial e Continuada de Professores no Âmbito do Ensino da Arte – Inclusão Digital e Inovações Pedagógicas. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 6, n. 2 2012. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/3013/2210>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- ALVES, Teodora de Araújo. Aprendizagem de Si: Percursos para Sentir/Pensar as Artes e as Culturas Silenciadas. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17543/pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- BARBOSA, Maria Helena Rosa. Masc/Nae: Mutações, Parcerias e Inclusão. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/2395/1889>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, pp. 20-28, 2002.
- CAPELLINI, V. L. M. F.; MENDES, E. G. O ensinamento colaborativo favorecendo o desenvolvimento profissional para inclusão escolar. **Revista de Educação Educere Et Educare**, Cascavel, v. 2, n. 4, pp. 113-128, 2007.
- CUNHA, Higor Antonio da; RUARO, Rejane; ASSINI, Tânia Cristina Kaminski Alves. A relação da arte com os adolescentes em conflito com a lei: uma pesquisa-ação no município de Cascavel-PR. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 14, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/9817/pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.
- FARIA, Alessandra de Carvalho. A Arte como Recurso Educacional na Deficiência Intelectual. In: ANAIS DO 8º Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE), 2018, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/a-arte-como-recurso-educacional-na-deficiencia-intelectual>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. Plano Educacional Individualizado (PEI): um diálogo entre práticas curriculares e processos de avaliação escolar. In: GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. (org.) **Livro estratégias educacionais diferenciadas**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2013.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. Brasil: Editora LTC. 2008.
- HAAR, Michel. **A obra de Arte**: ensaio sobre a ontologia das obras. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- MACÊDO, Carlos Carvalho; PERINI, Janine Alessandra. Arte, Loucura e Ensino: por uma Arte-Educação Inclusiva. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 12, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/8314/pdf>. Acesso em: 29 de agosto de 2020.
- MICHAELIS. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=7mp9e>. Acesso em: 05 de março de 2020.

NUNES, Ana Luiza Ruschel; OKITA, Ester Teixeira. Artes Visuais, Diversidade e Inclusão: A Poética Expressiva de Adultos com Deficiência Visual. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 15, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/13268/pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

RAUEN, Maria Roselene; MOMOLI, Bruno Daniel. Imagens de Si: O Autorretrato como Prática de Construção da Identidade. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157/4614>. Acesso em: 17 nov. 2020.

RIOS Pedro Paulo Souza; DIAS Alfrancio Ferreira; VIEIRA Andre Ricardo Lucas. Ensino de Artes, Relações de Gênero, Sexualidade e Diversidade Sexual: Narrativas de Estudantes Gays. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 15, n. 1 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/10170/pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

ROCHA, Stéfani Rafaela Pintos da; FONSECA da SILVA, M. C. R.. PIBID Interdisciplinar: um olhar sobre as contribuições da Arte para a construção de objetos pedagógicos para pessoas com deficiências. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6398>. Acesso em: 29 de agosto de 2020.

RODRIGUES, David. **Equidade e Educação Inclusiva**. Prefácio de António Nóvoa. 2ª ed. Porto: Coleção a Página, 2013.

RODRIGUES, David. **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES SOBRINHO, Laudo. Samwaad – Rua do Encontro: mediação semiótica com alunos do 3o ano do ensino médio na aula de arte. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/3956/3246>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SALOMÉ, Josélia Schwanka; MENDES, Maria Cristina. A percepção do sensível e o ensino da arte na contemporaneidade. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 3, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/15350/pdf>. Acesso em: 29 de agosto de 2020.

SAWADA Anunciata Cristina Marins Braz; ARAÚJO-JORGE, Tania Cremonini de; FERREIRA, Francisco Romão. Cienciarte ou Ciência e Arte? Refletindo sobre uma conexão essencial. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 3, n. 13, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/9810/pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

SILVA, Cleide Gissela da; SPEORIN, Márcia Diva; MORENO, Márcia. A concepção dos pedagogos quanto a importância e a Função do desenho infantil nos centros de educação infantil. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 3, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/2110/1601>. Acesso em: 17 nov. 2020.

SLEE, Roger. Um cortador de queijo com outro nome? Reduzindo a Sociologia da Inclusão a Pedacos. In: APPLE, M.; BALL, S. J.; GANDIN. **Sociologia da Educação: análise internacional**. Porto Alegre: Penso, 2013.

WEFFORT, Madalena Freire *et al.* Observação, Registro, Reflexão. In **Educando o olhar da observação**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1997.

@revistaeai

revistaeducacao
arteinclusao@
gmail.com

(48) 3321-8314

revista 
eai educação,
artes &
inclusão